

## UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE A DISGRAFIA

Fernanda Duarte Cyrne Telles<sup>1</sup>

Genislene Borges dos Santos Lucio<sup>2</sup>

Elisa Ferreira Silva de Alcantara<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo é referente a análise do distúrbio da disgrafia ne ensino-aprendizagem, principalmente nos primeiros anos de escolaridade do Ensino Fundamental nas escolas. Apresentamos algumas definições de aprendizagem, relacionando-as às dificuldades de aprender a linguagem escrita, bem como quão claramente a criança utilizará essa linguagem para expressar suas ideias e pensamentos. Abordamos o papel dos pais, da escola e do psicopedagogo na contribuição e auxílio para sanar as dificuldades que surgem nesse processo e que sem as devidas orientações e intervenções podem levar ao fracasso escolar. Para a metodologia de trabalho foi adotado a pesquisa bibliográfica, na qual variadas fontes de estudos foram consultadas. Utilizamos como referencial teórico a concepção de educadores sobre as reflexões pessoais do objeto a ser investigado. Também consideramos a análise de aquisição da leitura e da escrita e as contribuições da Psicopedagogia nas questões referentes a problemas de aprendizagem. Como prováveis resultados, destacamos a importância da intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem. Apontamos que o transtorno da disgrafia se manifesta decorrente de possíveis causas como a falta de noção sobre orientação e organização espacial, lateralidade, fatores emocionais, ortografia e o desenvolvimento motor e canhoto, bem como a necessidade de estudos mais aprofundados e de grande relevância sobre o tema.

**Palavras chave:** Dificuldades de aprendizagem. Leitura. Escrita. Disgrafia. Psicopedagogo. Intervenção. Fracasso escolar.

---

<sup>1</sup>Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase.

<sup>2</sup>Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase.

<sup>3</sup>Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## A PSYCHOPEDAGOGICAL VISION ABOUT DYSGRAPHIA

### Abstract

This article is related to the analysis of the dysgraphia disorder in the teaching-learning, mainly in the first years of elementary school education in schools. We present some definitions of learning, relating them to the difficulties of learning a written language, as well as how to use a language to express ideas and thoughts. We approach the role of the parents, the school and the psychopedagogue in the contribution and help to remedy the difficulties that arise in this process and that without proper guidelines and interventions can lead to school failure. For the methodology of work, a bibliographical research was adopted in which several sources of studies were consulted. We use as theoretical reference the conception of educators about the personal reflections of the object to be investigated. We also consider the analysis of acquisition of reading and writing and the contributions of Psychopedagogy in the questions concerning learning problems. As provided results, we highlight the importance of psychopedagogic intervention in learning difficulties. We point out that the dysgraphia disorder is manifested with the incidence of causes such as a lack of notion about spatial orientation and organization, laterality, emotional factor, spelling and left-handed and motor development, as well as the need for more in-depth and more relevant studies on the theme.

**Keywords:** Earning difficulties. Reading. Writing. Dysgraphia. Psychopedagogues. Intervention. School failure.

## **Introdução**

Ao entrar para a escola, a criança já domina a linguagem oral e encontra-se com suas habilidades linguísticas e cognitivas adequadas para a aprendizagem da leitura e da escrita. Porém, para a escrita da criança é exigido um esforço intelectual superior às suas aprendizagens anteriores, pois na escrita ocorre a comunicação por meio de códigos linguísticos que envolvem diversas regras necessárias para a consciência de frases, palavras, sílabas e fonemas.

Quando a criança escreve, ela precisa ter noção de espaço para representar as letras, adequá-las em tamanho e forma, por isso é importante a escola oferecer a ela recursos indispensáveis para que vivencie situações que estimulem o desenvolvimento psicomotores.

A disgrafia pode ser identificada desde os anos iniciais do ensino fundamental, mas ainda é pouco conhecida pelos educadores, se tornando um verdadeiro desafio. Portanto, é muito importante que o educador observe as dificuldades do aprendente na hora de executar as funções escolares através do processo da leitura e da escrita, pois nesse momento a criança pode apresentar problemas na aprendizagem, relacionada a este transtorno, a disgrafia.

No contexto pedagógico há uma dificuldade em distinguir quais alunos realmente apresentam a disgrafia, pois a maioria apresenta dificuldades na escrita nos anos iniciais, mas assim como outros tipos de transtornos, a disgrafia possui características próprias que a diferencia de qualquer outra dificuldade no desenvolvimento da escrita.

A pessoa disgráfica apresenta também uma série de outros sinais que dificultam o desenho das letras, e que por sua vez também causa esse tipo de problema. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta do material a ser utilizado, que inclui a forma de segurar o lápis, a pressão insuficiente sobre o papel, e também um ritmo muito lento ou excessivamente rápido. (BASTOS, 2013. p.1)

A disgrafia é uma dificuldade de aprendizagem relacionada à escrita e faz com que a criança tenha dificuldade em expressar suas ideias e pensamentos através de habilidades básicas de escrita.

No caso da disgrafia, é importante o diagnóstico precoce a fim de orientar os profissionais da educação e os pais sobre esse distúrbio de aprendizagem que muitas crianças sofrem, sendo muitas das vezes, rotuladas como relaxadas e preguiçosas por possuírem uma “letra feia”, provocando baixa autoestima, desmotivação, entre outros problemas. As crianças disgráficas são aquelas que apresentam dificuldades no ato motor da escrita, tornando a grafia praticamente indecifrável e isso não compromete o intelectual, do contrário, geralmente os disgráficos são crianças muito inteligentes, sua dificuldade está na escrita, pois ela não consegue recordar da grafia da letra para escrever.

Existem várias problemáticas que nos cercam como a metodologia aplicada a essas crianças e se essas crianças estão psicologicamente ou fisicamente bem. Sendo assim, a disgrafia torna-se um caso preocupante, pois sabe-se que alguns professores desconhecem esse transtorno e tão pouco conseguirão ajudar essas crianças. O trabalho em conjunto com a família e a escola é de suma importância, considerando aspectos neurológicos, psicológicos e sociais relacionados a este déficit.

## **Conceito e Causas**

A disgrafia é um transtorno de aprendizagem no qual a criança tem dificuldade em coordenar os músculos da mão e do braço, caracterizado por uma dificuldade crônica e persistente na habilidade motora e espacial da escrita, impedindo que ela escreva de forma legível e ordenada. É um transtorno de aprendizagem presente em muitas crianças do Ensino Fundamental, caracterizado como uma dificuldade na escrita, tanto na hora de desenhar as letras e códigos do nosso idioma, quanto ao formar frases e construir linhas de raciocínio em textos.

[...] a disgrafia caracteriza-se por uma escrita mal elaborada, feia, não se conseguindo, muitas vezes, decifrar o que está escrito. Há vezes que nem a própria criança consegue entender o que escreveu. Entre os adultos a disgrafia é encontrada, de modo tradicional, principalmente no meio médico, pois poucas são as pessoas que conseguem decifrar o que foi escrito no receituário. (TOPCZEMWKI, 2000. p.1)

Ao pé da letra, a disgrafia é definida como distúrbio (dis) da escrita (grafia), sendo um transtorno da escrita, de origens funcionais, no qual não existem problemas de lesão cerebral, alterações sensoriais ou história de ensino deficiente do grafismo da escrita, sendo uma deficiência na coordenação motora fina e não intelectual. Esse déficit é comumente classificado em dois tipos:

- Disgrafia motora (discaligrafia): A criança consegue ler e falar bem, mas encontra dificuldade na coordenação motora fina para escrever as letras, palavras e números.
- Disgrafia disléxica: A criança não consegue relacionar sistemas simbólicos e as grafias que representam as palavras, os sons e as frases. É importante não confundir com a dislexia, pois elas possuem características semelhantes, porém a dislexia está associada à leitura e a disgrafia à escrita.

A principal causa da disgrafia é a falta de coordenação motora. As funções do cérebro que estão preocupadas com a tradução de ideias em palavras, por escrito das crianças que tem este transtorno, não são executadas de forma correta.

São muitas as causas que podem levar a uma escrita alterada: maturativas, carateriais e pedagógicas. As primeiras estão relacionadas com perturbações de lateralidade, motricidade e equilíbrio. Estas crianças são desajeitadas do ponto de vista motor e apresentam uma escrita irregular ao nível da pressão, velocidade e traçado, bem como perturbações de organização perceptivo-motora, estruturação/orientação espacial e interiorização do esquema corporal.

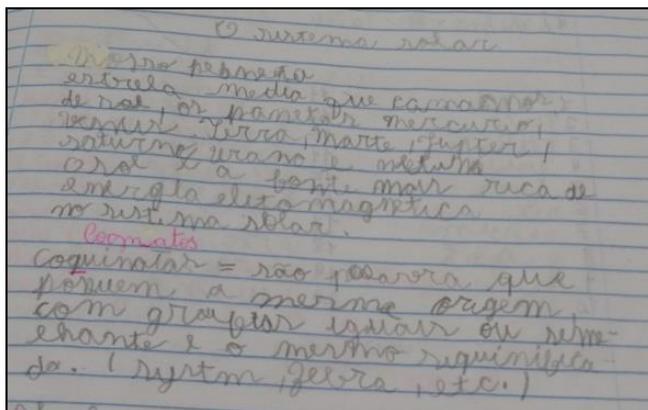
As causas carateriais estão associadas a fatores de personalidade da própria criança ou do meio que a envolve (familiar ou social), pois o sujeito reflete na escrita o seu estado e tensão emocionais. E, por último, poderão estar relacionadas, ao nível pedagógico, determinadas por metodologias de ensino que contribuem para o aparecimento da disgrafia.

Uma vez diagnosticado, o profissional poderá fazer uma parceria com demais profissionais de outras áreas e com a família da criança, para trabalharem simultaneamente as dificuldades, desenvolvendo as habilidades motoras.

[...] a necessidade da educação psicomotora é baseada no movimento, pois acredita ser preventiva, assegurando que muitos dos problemas de alunos, detectados posteriormente e tratados pela reeducação, não ocorreriam se a escola desse atenção à educação psicomotora, juntamente com a leitura, a escrita e a aritmética. (GOMES, 1998, p.16)

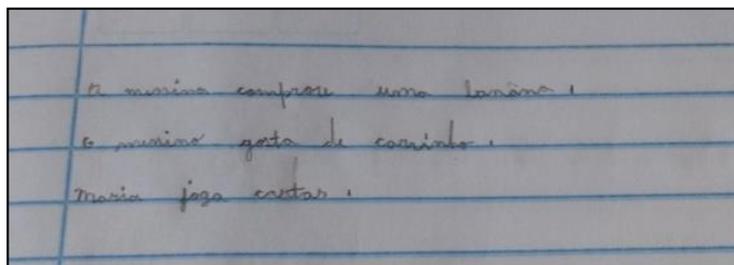


Figura 4. Letras muito largas



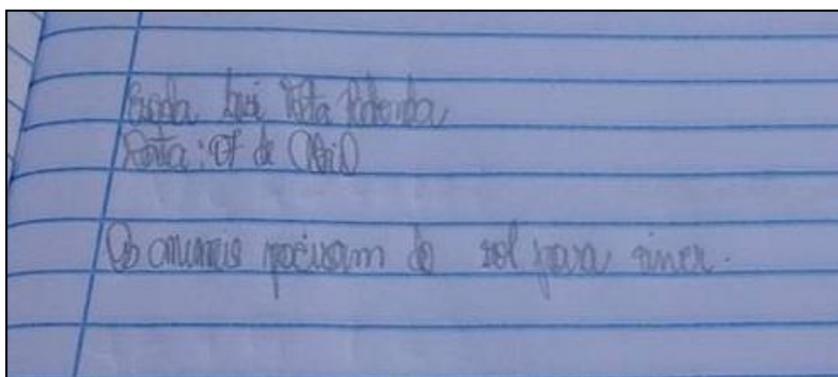
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 5. Letras demasiado pequenas ou com tamanho inconsistente.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 6. Letras sobrepostas.



Fonte: Acervo Pessoal

Dentro das características citadas, há diferentes tipos de disgrafia.

- **Disgrafias posturais:** Referem-se às distintas dificuldades na escrita

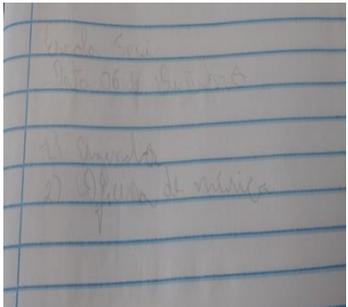
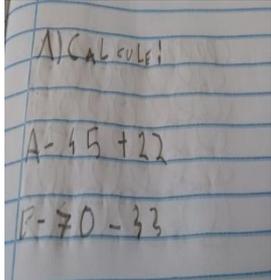
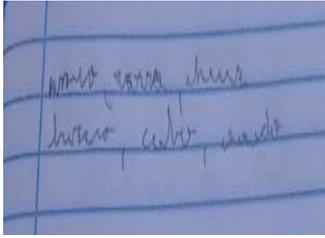
que se originam de uma má postura ao escrever.

Apoiar sobre a mesa.	Aproximação muito da folha aos olhos.	Folha virada para a direita ou para a esquerda.	Escoramento cefálico.	Braço em forma de gancho.
				

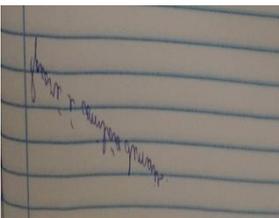
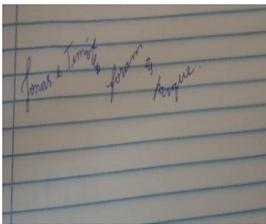
- **Disgrafias de preensão:** Refere-se ao ato de segurar o lápis ou caneta.

Palmar. 	Preensão sobre a ponta do lápis. 	Lápis seguro entre o dedo indicador e o médio. 
Falanges hiperarticuladas. 	Bidigital. 	Tridigital. 

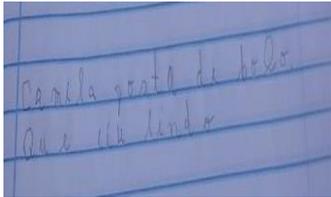
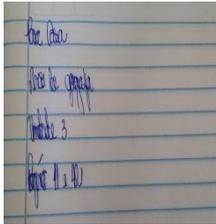
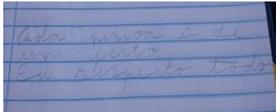
- Disgrafias de pressão:** Refere-se ao ato da força que se coloca no lápis ou na caneta.

Letras “asas de mosca”: traços muito fracos.	Letras “amassafolha”: pressão excessiva no traço ao escrever.	Letra parkinsoniana: pequena, trêmula e rígida.
		

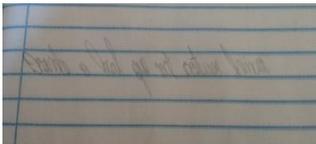
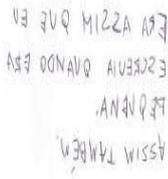
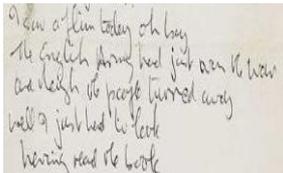
- Disgrafias de direcionalidade:**

Descendente.	Ascendente.	Serpenteante.
		

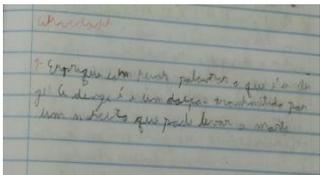
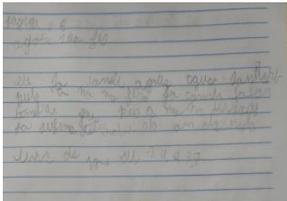
• **Disgrafias de ligação:**

<p>Falta de ligação entre as letras na escrita cursiva.</p>	<p>Ligação “simbiótica”: escrita das letras coladas entre si, sem as linhas de união definidas.</p>	<p>Ligação elástica: as letras são separadas e unidas obrigatoriamente com linhas que parecem sobrecarregadas.</p>
		

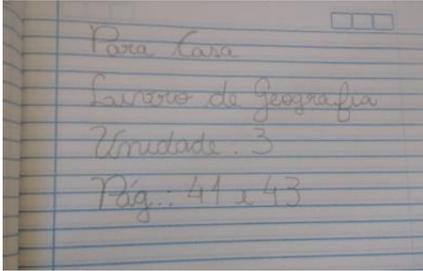
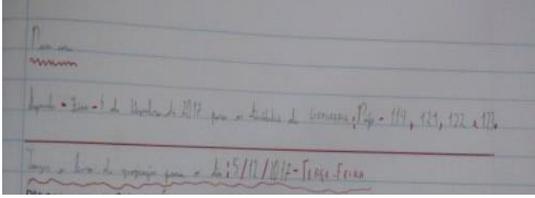
• **Disgrafias posicionais:**

<p>Verticalidade caída para trás.</p>	<p>Letras em espelho.</p>	<p>Confusão de letras simétricas como por exemplo, b e d.</p>
		

• **Disgrafias figurativas:**

<p>Mutilação de letras.</p>	<p>Distorções de letras.</p>
	

- **Disgrafias relacionadas com o tamanho:**

Macrografias.	Micrografias.
	

- **Disgrafias de giro:** As letras que necessitam de traços circulares na sua execução como a, o, d, g, f e q são feitas com giros invertidos, ou seja, no sentido horário. Isto dificulta o traçado da letra e sua ligação com a letra seguinte.



Os tipos de disgrafias apresentados revelam a necessidade de intervenção o mais precoce possível, de modo a amenizar o problema da caligrafia.

### Intervenção Psicopedagógica

O primeiro passo é reconhecer que o estudante tem a disgrafia e jamais forçá-lo a algo que ele provavelmente não dará conta. A criança com disgrafia precisa de uma intervenção individualizada e mesmo que os resultados atingidos não sejam os esperados pelo psicopedagogo ou pelo professor, é importante elogiá-la pelo esforço.

Depois, é necessário estabelecer as metodologias que melhor se adequam ao caso da criança. Assim como em qualquer outro distúrbio é fundamental o psicopedagogo e professor saber quando e qual a ajuda deve ser oferecida à criança; no entanto, deve também ter a capacidade de avaliar quando o aluno revela desmotivação e desinteresse e, se necessário, alterar a intervenção, adequando procedimentos visando estimular a criança, pois, na maior parte dos casos, a má

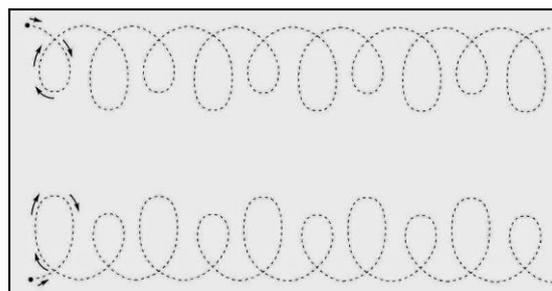
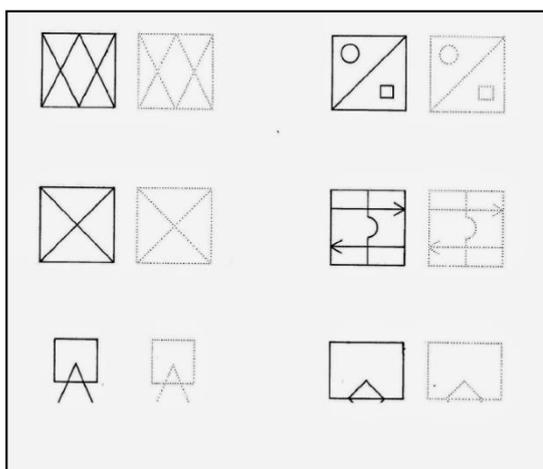
prestação é, sobretudo, nossa. Uma consequência da utilização de estratégias e métodos insuficientemente atrativos e interessantes.

A reeducação do grafismo está relacionada com três fatores fundamentais: desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento do grafismo em si e especificidade do grafismo da criança. Para o desenvolvimento psicomotor, deverão ser treinados os aspectos relacionados com a postura, controle corporal, dissociação de movimentos, representação mental do gesto necessário para o traço, percepção espaciotemporal, lateralização e coordenação visomotora. Quanto aos aspectos relacionados ao grafismo, o educador deve preocupar-se com o aperfeiçoamento das habilidades relacionadas com a escrita, distinguindo atividades pictográficas (pintura, desenho, modelagem) e escriptográficas (utilização do lápis e papel – melhorar os movimentos e posição gráfica). Deverá, também, corrigir erros específicos do grafismo, como a forma/tamanho/inclinação das letras, o aspecto do texto, a inclinação da folha e a manutenção das margens/linhas.

Veja abaixo algumas técnicas que podem ser usadas no caso da disgrafia:

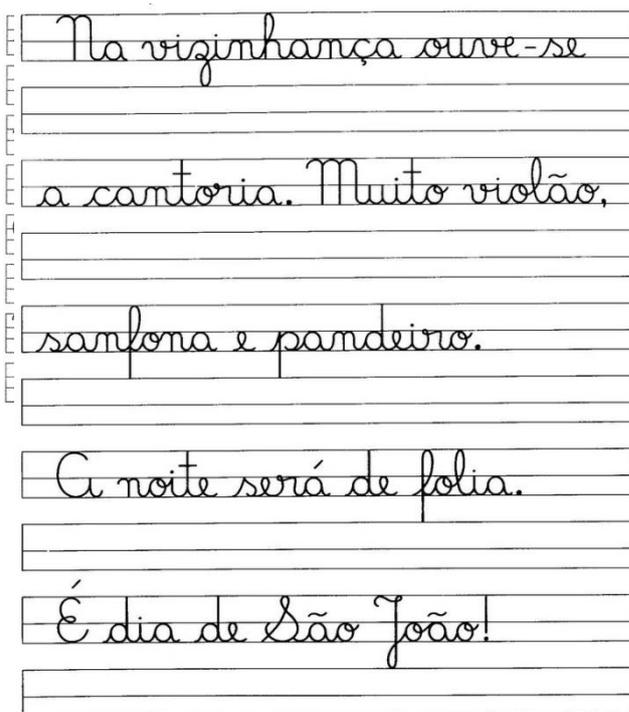
### *Exercícios Grafomotores*

Eles são ideais para que o pequeno possa trabalhar, com o acompanhamento de um profissional, a coordenação motora e o domínio das mãos ao movimentar um lápis sobre o papel. Os exercícios podem conter desenhos pontilhados, que incentivarão a criança a desenvolver a habilidade; e outras atividades que ligam um ponto a outro, etc.



## Caligrafia

O pequeno pode, aqui, ter a habilidade da escrita desempenhada para que ele tenha maior domínio nessa parte. É importante lembrar que as etapas são cruciais para notar a melhora do desenvolvimento do manuseio na hora de escrever. Seguindo essa linha, o profissional pode aplicar exercícios que induzam a reaprendizagem da forma das letras e o espaçamento necessários entre elas.



### Posição ao escrever

A maneira a qual a criança segura o lápis é determinante e causa dor e fadiga nas mãos do pequeno. Neste caso, o aluno precisa ser orientado à forma mais adequada para desenvolver a escrita sem prejudicar seus membros. Além disso, a posição do papel também reflete a maneira que o pequeno escreve.

Figura 7. A maneira de segurar o lápis



Fonte: Acervo Pessoal

O uso do instrumento é ideal na fase inicial do treinamento, principalmente para que a criança consiga trabalhar a pressão que é exercida sobre a folha de papel. Aqui, o profissional pode indicar traços retos para que o pequeno possa desenvolver sua coordenação. Os pais e professores podem realizar com as crianças tarefas de desenho, pintura, modelagem, escrita em papel com lápis e caneta. Todas as tarefas devem ser realizadas com a criança sentada.

A detecção, o diagnóstico e o tratamento da disgrafia requerem uma intervenção especializada, com o apoio de instrumentos de avaliação que permitam estabelecer um quadro clínico claro e preciso. A partir do momento em que os pais e o professor verificam quaisquer alterações no processo de aprendizagem a nível da escrita (caligrafia), devem recorrer a um especialista de modo a estabelecer o diagnóstico adequado.

A terapia corretiva deve ser iniciada o quanto antes com crianças com disgrafia, pois elas sofrem na escola por não conseguirem apresentar os seus trabalhos de forma correta.

### **Considerações finais**

Este artigo não pretende esgotar, mas trazer uma reflexão sobre a disgrafia, um transtorno que requer um atendimento profissional mais adequado, sendo capaz de auxiliar tanto o professor como o aluno. Aprofundar o estudo na busca de analisar o papel do professor/educador e do psicopedagogo frente a essa realidade educacional é o objetivo específico. E também os recursos pedagógicos inusuais que podem minimizar as dificuldades diagnosticadas no ensino-aprendizagem.

Percebe-se que há uma necessidade em modificar a prática tradicional que ainda é presente nas instituições de ensino, que contribui para as dificuldades de aprendizagem. Faz-se necessário rever as práticas pedagógicas diferenciadas e diversificadas visando atender as demandas adequando a realidade atual.

Diversificar metodologias e estratégias, intercaladas a um acompanhamento profissional especializado é, sem dúvida, o caminho mais seguro para o sucesso no decorrer da vida escolar dos alunos portadores de disgrafia. Além disso, o educador

precisa ser comprometido, criativo e dinâmico, respeitando as individualidades de cada indivíduo, numa ação conjunta e integrada com a família. É de suma importância que a escola ofereça aos pais esclarecimentos para que eles possam auxiliar os filhos em suas atividades diárias.

Ao identificar tal distúrbio, deve-se ter como prioridade trabalhar com toda equipe escolar, familiar e profissional, para buscar recursos e procedimentos concretos para a gradativa superação das dificuldades encontradas tanto em âmbito escolar como fora dele.

## Referências

ADDY, BOS & VAUGHN, JONES. **O que é disgrafia?** Disponível em: <<http://www.cadin.net/saber-mais-dislexia-2/166-o-que-e-a-disgrafia>>. Acesso em: 04 Dez 2017.

ALMEIDA, Amanda. Maria Almeida, Maykonn Almeida. **Manual para Tratamento de Disgrafia, Disortografia e Troca de Letras**. 1 ed. São Paulo: Ebook Google Livros, 2010.

BASTOS, Ana Carmen. **Associação Portuguesa De Pessoas Com Dificuldades De Aprendizagem Específicas - APPDAE**, 2013.

CAPOVILLA, A. G. S., CAPOVILLA, F. C. **Problemas de Leitura e Escrita – Como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica**. São Paulo: Memnon Editora, 2004.

CINEL, N.C.B. **Disgrafia: prováveis causas dos distúrbios e estratégias para a correção da escrita**. Porto Alegre: Revista do professor, 2003.

CONDERIM, Mabel. MEDINA, Alejandra. **Avaliação Autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COPETTI, Jordano. **Dificuldades de Aprendizagem - Manual para Pais e Professores**. 2 ed. Curitiba: Juruá Editora, 2008.

GARCIA, Jesus Nicácio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução de Jussara Houbert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GOMES, J.D.G. **Construção de coordenadas espaciais, psicomotricidade e desempenho escolar**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas: Faculdade de Educação, 1998.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:** a Psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2011.

SAMPAIO, Simaia. FREITAS, Ivana Braga e (org). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem:** entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2011.

TOPCZEMWKI, Abram. **Aprendizado e- Suas Desabilidades - Como Lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2000.